

NILZO IVO LADWIG
(Organizador)

PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO E DA PAISAGEM

Atena
Editora
Ano 2022

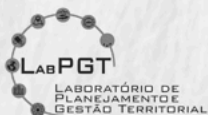


NILZO IVO LADWIG
(Organizador)

PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TERRITÓRIO E DA PAISAGEM



Atena
Editora
Ano 2022



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Planejamento e gestão do território e da paisagem

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Nilzo Ivo Ladwig

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P712 Planejamento e gestão do território e da paisagem /
Organizador Nilzo Ivo Ladwig. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0523-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.238221909>

1. Planejamento urbano. 2. Desenvolvimento
sustentável. I. Ladwig, Nilzo Ivo (Organizador). II. Título.

CDD 333.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

O livro que apresentamos à comunidade acadêmica é resultante do XII Seminário de Pesquisa em Planejamento e Gestão Territorial (SPPGT), que ocorreu em 2021, de forma remota, em função da pandemia COVID-19. O evento é organizado anualmente pelo Laboratório de Planejamento e Gestão Territorial (LabPGT) e pelo Laboratório de Arqueologia Pedro Ignácio Schmitz (LAPIS).

A edição de 2021 teve como temática Paisagem e Território, termos que são normalmente aceitos como um caminho na promoção do desenvolvimento sustentável em diferentes escalas de planejamento, do local ao regional.

O XII SPPGT foi organizado em formato de Grupos de Trabalhos (GTs), sendo que o GT Planejamento do Território e da Paisagem apresentou e discutiu trabalhos, sendo que os melhores foram selecionados para publicação.

Os 11 capítulos da obra discutem o reconhecimento da valorização do território e da paisagem biofísica e construída como um recurso e um bem comum de relevância ambiental, social e econômica. Exigindo um tratamento a partir de visões multiescalares e de sua multifuncionalidade, tanto na esfera pública como privada, no planejamento em intervenções na paisagem urbana, rural e regional.

Os capítulos discutem a relevância dos estudos de cobertura e uso da terra no planejamento e na gestão territorial, a importância da análise da paisagem considerando a bacia hidrográfica como área de estudo, o processo de produção do espaço urbano e memória coletiva em prol de um planejamento urbano e rural resiliente. Não esquecendo do geopatrimônio, da percepção ambiental, e da recuperação da paisagem de áreas degradadas pela mineração de carvão mineral com espécies arbóreas da floresta atlântica.

A socialização dos resultados do Seminário é peça fundamental na construção de uma ponte entre as universidades, os pesquisadores e a comunidade. O evento continua mantendo a proposta inicial desde a primeira edição do SPPGT, em 2010, que sempre foi a de trabalhar interdisciplinarmente, buscando sua consolidação e o reconhecimento nacional, e recebendo participantes, apresentadores e palestrantes de diversas áreas científicas e regiões do País. Fruto disso, foi o apoio da Capes e da Fapesc, juntamente com outros apoiadores, mostrando um caminho de excelência em pesquisa.

Nosso singelo agradecimento à todos que estão desde o início nessa empreitada, bem como àqueles que vêm se incorporando ao nosso projeto de debate e divulgação científica. Vale destacar também a grata participação da Capes e da Fapesc, o fomento disponibilizado por ambas foi importante para a qualificação do evento. Nossos cordiais

agradecimentos aos apoiadores institucionais, às empresas, às pessoas e às entidades, pois, destes dependemos para a correta harmonia entre o planejamento e a execução do seminário e desta publicação.

Uma boa leitura e até a próxima publicação!

Nilzo Ivo Ladwig

Organizador

REFLEXÕES

Um mundo sustentável, demanda um compromisso inequívoco e incondicional com o desenvolvimento econômico, o progresso social, a redução das desigualdades e a preservação (e restauração) do meio ambiente. É este o propósito da presente obra: Planejamento e gestão do território e da paisagem, onde se evidenciam relevantes pesquisas, com o objetivo da edificação de comunidades resilientes, sustentáveis, onde pessoas e natureza coexistam de forma harmônica e simbiótica, na fantástica “Casa Comum”, a nossa Mãe Terra.

No discorrer dos capítulos que compõe este livro, somos convidados a refletir sobre o(s) uso(s) da terra, numa lógica de interação entre espaço urbano e rural, cidade e campo, ocupação humana do território e os impactos desta sobre os recursos. Relembrei os estudos sobre os nexos entre água-energia e alimentos e a necessidade de gestão destes recursos escassíssimos num tempo de mudanças ambientais globais, de emergência climática onde as estratégias de adaptação às mudanças climáticas são um imperativo para a garantia da segurança humana.

Com o advento da 4ª revolução industrial, na era da transformação digital, planejar o território demanda um pensamento holístico, uma visão integradora dos espaços, uma oportunidade e um propósito de redefinição da missão social das cidades, contextualizada por novas agendas urbanas, por uma cidade sustentável, inclusiva e inteligente. Promover a sustentabilidade nos territórios é agenda das Nações Unidas, a agenda dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, baseada em cinco princípios: “Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias”, um roteiro desafiador, inspirador e generoso, com o propósito de: “não deixar ninguém para trás”.

O século XXI é o século das cidades, a maioria da humanidade habita em espaços urbanos, o crescimento das cidades trás riscos e desafios muito grandes: como garantir que as cidades sejam sustentáveis, que as moradias sejam seguras e dignas, promovam bem-estar, qualidade de vida, saúde, mobilidade, oportunidade, renda e emprego, preservem a memória coletiva e o patrimônio, coexistam e protejam o ambiente natural? Com a maioria da população humana vivendo nos espaços urbanos, a gestão destes territórios é determinante na transição para uma nova sociedade mais sustentável.

Os espaços urbanos enfrentam grandes desafios ambientais: a poluição do ar, a contaminação da água, a depredação de recursos naturais, consumo excessivo e as emissões resultantes da queima de combustíveis fósseis, a devastação de florestas. A estes somam-se problemas sociais como a pobreza, exclusão e segregação social e a

fome, o acesso à educação e saúde. A ideia de uma cidade sustentável obriga-nos ao compromisso com a melhoria da qualidade de vida urbana e a implantação da agenda dos objetivos do desenvolvimento urbanos nas cidades.

As cidades estão na “linha da frente” da promoção do desenvolvimento sustentável. (Re)Pensar os espaços urbanos, a sua produção e competitividade, a sua ocupação, a sua função social é urgente. As cidades terão de ser os maiores contribuintes para a redução das emissões dos gases de efeito estufa e o cumprimento do acordo de Paris. As cidades têm de se “descarbonizar”, de adotarem tecnologias limpas, de se transformarem de cidades cinzas em cidades verdes, de cuidarem dos seus resíduos, de gerarem a sua energia, de alimentarem os seus cidadãos e de promoverem a saúde, bem-estar e felicidade das suas populações, assegurando um direito humano e universal, o Direito à cidade, traduzido sob a égide de uma cidade Sustentável.

Ao longo desta obra, relembrei da brilhante reflexão do Professor Sir John Beddington: ‘Perfect Storm’, interrogando-me como os territórios serão impactados pela crescente demanda de energia, alimentos e água, resultante do aumento da população humana e num contexto de aquecimento global. Que gigante desafio, o de alimentar, prover água e energia para um mundo com 8 bilhões de seres humanos, a caminho dos 10 bilhões em 2050. A nossa pegada ecológica supera os limites planetários, deixa-nos numa situação de insegurança, cada vez mais expostos a eventos climáticos extremos que ameaçam transformar-se no “novo normal” e impactam todos, em particular as comunidades mais pobres e vulneráveis.

Na promoção da sustentabilidade, o recurso mais escasso parece ser o tempo, a medida que os impactos do Antropoceno se vão tornando mais frequentes, aumentando a urgência das ações de mitigação das mudanças climáticas. Incrementarmos, significativamente, o uso das energias renováveis, abandonarmos os combustíveis fósseis, promovermos a eficiência energética, esverdearmos as cidades, incentivarmos o transporte público, pensarmos a economia numa lógica de circularidade é, e será cada vez mais fundamental, para que a humanidade não cause um aumento da temperatura do nosso planeta, que se transforme num risco existencial.

José Baltazar Salgueirinho Osório de Andrade Guerra

Professor permanente e pesquisador dos Programas de Pós-Graduação e dos Mestrado e Doutorado em Administração e Mestrado em Ciências Ambientais, da Universidade do Sul de Santa Catarina. Fellow do Cambridge Centre for Energy, Environment and Natural Resource Governance (C-EENRG), Department of Land Economy, University of Cambridge, Cambridge, Reino Unido. Líder do Centro de Desenvolvimento Sustentável/ Grupo de Pesquisa em Eficiência Energética e Sustentabilidade (Greens), Unisul.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1


BRIEFING GEOHISTÓRICO DOS ESTUDOS DE COBERTURA E USO DA TERRA NO PLANEJAMENTO E NA GESTÃO TERRITORIAL

José Gustavo Santos da Silva

Thaise Sutil

Juliana Debiassi Menegasso

Nilzo Ivo Ladwig


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219091>

CAPÍTULO 2..... 14

ANÁLISE DA PAISAGEM DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CARVÃO, URUSSANGA, SANTA CATARINA

Gilberto Tonetto

Nilzo Ivo Ladwig

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219092>

CAPÍTULO 3..... 37

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E MEMÓRIA COLETIVA NO BAIRRO SANTA BÁRBARA EM CRICIÚMA, SANTA CATARINA

Camila Alano Perito

Teresinha Maria Gonçalves

José Gustavo dos Santos Silva


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219093>

CAPÍTULO 4..... 58

ESTUDOS PARA UM PLANEJAMENTO URBANO RESILIENTE – CASO PAISAGEM URBANA DE SANTO CRISTO, RIO GRANDE DO SUL

Júlio César Puhl

Renata Franceschet Goettems

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219094>


CAPÍTULO 5..... 74

DIAGNÓSTICO E PLANEJAMENTO PARA O SANEAMENTO RURAL – ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DO ALTO RIO WIEGAND EM JOSÉ BOITEUX, SANTA CATARINA

Willian Jucelio Goetten

Eugênio de Sá Felício

Maria Pilar Serbent

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219095>

CAPÍTULO 6..... 90


ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE MÉTODOS AVALIATIVOS DO GEOPATRIMÔNIO DO

GEOPARQUE CAMINHOS DOS CÂNIONS DO SUL (SC/RS)

Ciro Palo Borges

Maria Carolina Villaça Gomes

Jairo Valdati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219096>

CAPÍTULO 7..... 107


PERCEÇÃO AMBIENTAL E IMAGEM DO TURISMO TERMAL NO MUNICÍPIO DE GRAVATAL – SANTA CATARINA

Caroline Marcos Ramos Machado

Camilla Gomes da Silva

Ana Luiza Sicari

Rogério Santos da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219097>

CAPÍTULO 8..... 124

ÁRVORES NATIVAS EM ÁREAS DEGRADADAS PELA MINERAÇÃO DE CARVÃO NO SUL DE SANTA CATARINA, BRASIL

Iara Zaccaron Zanoni

Altamir Rocha Antunes

Aline Votri Guislon

Amanda Vieira Matiola

Micael de Bona


Camila Nagel Machado

Victoria Riella

Julia Gava Sandrini

Guilherme Alves Elias

Robson dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219098>

CAPÍTULO 9..... 141

POTENCIAL NÃO MADEIREIRO DAS ESPÉCIES ARBÓREAS DA FLORESTA ATLÂNTICA NO SUL DO BRASIL

Iara Zaccaron Zanoni

Altamir Rocha Antunes

Aline Votri Guislon

Amanda Vieira Matiola

Micael De Bona


Camila Nagel Machado


Victoria Riella

Julia Gava Sandrini

Guilherme Alves Elias

Robson dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.2382219099>

CAPÍTULO 10.....	161
PLANEJAMENTO E GESTÃO DO ENSINO E AS CONFLUÊNCIAS TERRITORIAIS DO PÚBLICO E DO PRIVADO	
Enaide Tereza Rempel	
Aloísio Ruscheinsky	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.23822190910	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	176

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO E MEMÓRIA COLETIVA NO BAIRRO SANTA BÁRBARA EM CRICIÚMA, SANTA CATARINA

Data de aceite: 10/08/2022

Camila Alano Perito

Mestrado em Ciências Ambientais - UNESC, arquiteta atuando em consultoria para prefeituras sobre urbanização e preservação da memória. E-mail: arqcamilaperito@gmail.com

Teresinha Maria Gonçalves

Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano – UFPR, Membro da Associação Brasileira de Psicologia Ambiental. E-mail: teresaakira@gmail.com

José Gustavo dos Santos Silva

Mestrado em Ciências Ambientais - UNESC, Laboratório de Planejamento e Gestão Territorial – LabPGT. E-mail: gustasantos92@gmail.com

RESUMO: A pesquisa se desenvolveu no Bairro Santa Bárbara, em Criciúma, Santa Catarina, com o objetivo de compreender a relação da memória e identidade dos habitantes por meio dos resquícios arquitetônicos e paisagísticos, ligados a história do bairro, um dos mais antigos da cidade e que teve sua origem com as vilas operárias vinculadas à época da extração do carvão mineral. Ditas vilas tinham uma conformação própria e se fisicamente mostravam pobreza e condições sanitárias precárias tinham uma rica cultura local cujos significados estão presente até os dias de hoje. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, tipo investigativa cujo método principal foi o estudo de caso com técnicas variadas na busca de dados,

desde observação participante, escuta da história oral e entrevistas. Os resultados apontam a relação intrínseca entre a produção do espaço urbano, as modificações na paisagem e as memórias coletivas dos moradores do bairro, assim como os discursos exaltam as características singulares do local, as lembranças particulares, sentimentos e representações coletivas relacionadas ao lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade de lugar. Memória coletiva. História de vida. Apropriação do espaço. Agentes produtores do espaço.

1 | INTRODUÇÃO

As cidades são conformadas por sucessivas camadas de história, em que segundo Mori *et al* (2006 p. 36) “A imagem que os habitantes fazem da cidade ou de fragmentos seus” e importantes para compreensão da dinâmica da vida urbana”.

Sem esses fragmentos, as cidades não produzem conexões com seus habitantes, não há valor material ou relação com a memória local. A cidade é conformada por interpolações de significados, paisagens introjetadas que povoam o imaginário da população cidadina. A regulamentação do Conceito de Paisagem Cultural, Portaria nº 127 de 30 de abril de 2009 (IPHAN, 2009), que identifica a cultura como elemento responsável por imprimir aos cidadãos marcas únicas, as quais identificam a cada ser e

o relacionam com determinado lugar, “[...] projeta-se sobre o espaço de que se apropria, produzindo uma identificação entre o sujeito e espaço que refletirá o modo de vida daqueles que o habitam”. (OMITIDO PARA AVALIAÇÃO, 2007, p. 34). Essas nuances são responsáveis por moldar e exprimir a identidade coletiva, a qual reforça a importância da preservação da história do lugar.

Esse lugar é conformado não somente pelo desenho urbano, edificações e monumentos, mas por eventos diversos que imprimem suas marcas no local. Remete à cidade como o “lugar de fruição poética, onde se desenvolve a vida social apropriada e produzida: a cidade, lugar dos rituais, das cerimônias, das praças, dos monumentos, das igrejas e dos cemitérios”. (GONÇALVES, 2007, p.55). Locais como esses demonstram, em suas nuances, faces e sinais, a relação do homem com o lugar, camadas carregadas de simbolismos, onde “uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato”. (JUNG, 1977, p. 16).

A história de Criciúma é parte da história da indústria extrativista do carvão mineral no sul de Santa Catarina. A partir do século XIX (CAROLA, 2002), essa indústria impactou ambiental e socialmente a região por meio da instalação das companhias carboníferas. A situação aqui estudada, advinda deste modo de produção do espaço capitalista expressa o controle sobre os corpos e a vida dos operários e suas famílias ditando seus comportamentos difundindo a cultura da submissão. As vilas operárias muito bem demonstram isso. Mas também, demonstram lutas por melhores condições de trabalho nas minas, por salário justo. Lutas que apesar de, não conseguiram eliminar a segregação racial sendo os espaços coletivos separados para negros e brancos. o clube dos pretos e o clube dos brancos ainda mantém suas edificações de pé tentando resistir às investidas do capital imobiliário. A conformação urbana do Bairro Santa Bárbara, onde a arquitetura que compõe sua paisagem espacializa parte da história das vilas operárias da cidade de Criciúma, “além de constituidora do patrimônio industrial, essas memórias são também responsáveis por dar sentido às diversas edificações espalhadas pelo sul catarinense”. (COSTA; OSÓRIO, 2017, p. 60).

Portanto, o lugar que deveria servir de elo integrador entre o presente e o passado fica cada vez mais vulnerável, os fragmentos de importância histórica industrial se perdem em meio aos processos transformadores sobre a paisagem. As memórias dos bairros de origem operária estão relacionadas com os espaços ali existentes, pois esses carregam valores simbólicos importantes para seus moradores.

Identificar esses espaços de origem operária como parte integrante da história da cidade de Criciúma é dar ouvidos às histórias de luta. Reconhecer, como parte da identidade, a ação de uma classe social sofrida, imersa em preconceitos sociais, um povo

sem grandes influências econômicas e sociais, mas que moldou as singularidades de uma cidade.

Desta forma, este trabalho objetiva compreender a relação da memória e identidade dos habitantes do Bairro Santa Bárbara por meio dos resquícios arquitetônicos e paisagísticos, vinculados à conformação das vilas operárias mineiras.

2 | METODOLOGIA

2.1 Método

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, tipo investigativa. O projeto cumpriu a etapa da imersão no assunto, por meio de observações participativas na comunidade e leitura da literatura sobre a unidade de pesquisa e o tema abordado.

O método principal utilizado é o estudo de caso: “o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que tempos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”. (YIN, 2001, p. 21).

2.2 Técnica de coleta de dados

Os dados primários foram coletados pela constituição de um coletivo de pesquisa composto por atores sociais residentes no Bairro Santa Bárbara. A composição do coletivo de pesquisa foi constituída por vinte sujeitos, selecionados a partir dos critérios: tempo de moradia no bairro; ter 18 anos ou mais; e aceitar participar da pesquisa.

Este grupo é composto por quinze mulheres e cinco homens, de diversas faixas etárias, sejam lideranças sociais no bairro; figuras importantes na gestão municipal nas décadas de auge econômico; filhos, irmãos e esposas de mineiros. Estas, possuem históricas pessoais vinculados aos espaços históricos do bairro, as quais são conectadas a outros sujeitos, criando, assim, uma teia de memórias a qual constitui a memória coletiva do lugar. Se faz importante destacar, que nem todas as entrevistas realizadas são apresentadas neste texto, uma vez que procurou-se reduzir o conteúdo para o escopo da revista. São apresentadas aquelas que apresentaram maior capacidade de moldar a memória de construção do bairro em estudo.

As técnicas de coleta utilizadas foram: narrativas, entrevistas semiestruturadas, escuta oral, observação participante, fotografias. A definição dos eixos centrais de pesquisa, foram constituídos através do levantamento histórico da unidade de pesquisa. A definição dos tópicos de pesquisa se subdividiu nos seguintes eixos: relação com o bairro, participação na Festa de Santa Bárbara, relação com os clubes recreativos, a proposta do planejamento urbano e as alterações paisagísticas e arquitetônicas e a transmissão das

histórias às próximas gerações.

A técnica básica para a análise de dados primários foi a *Análise de Conteúdo*, a qual trabalha com o conteúdo do texto, sendo que “deve-se estar atento à mensagem, pois ela é o ponto de partida de qualquer análise”. (OMITIDO PARA AVALIAÇÃO, 2006, p. 36).

2.3 Área de estudo

A unidade de pesquisa é o Bairro Santa Bárbara, no qual foi pesquisado a Rua Santa Bárbara, a partir da Avenida Centenário, até os espaços onde estão localizados a praça, a igreja e os clubes Sociedade Recreativa União Mineira e Sociedade Recreativa União Operária. Na figura 1 é possível observar a localização geográfica da área de estudo.

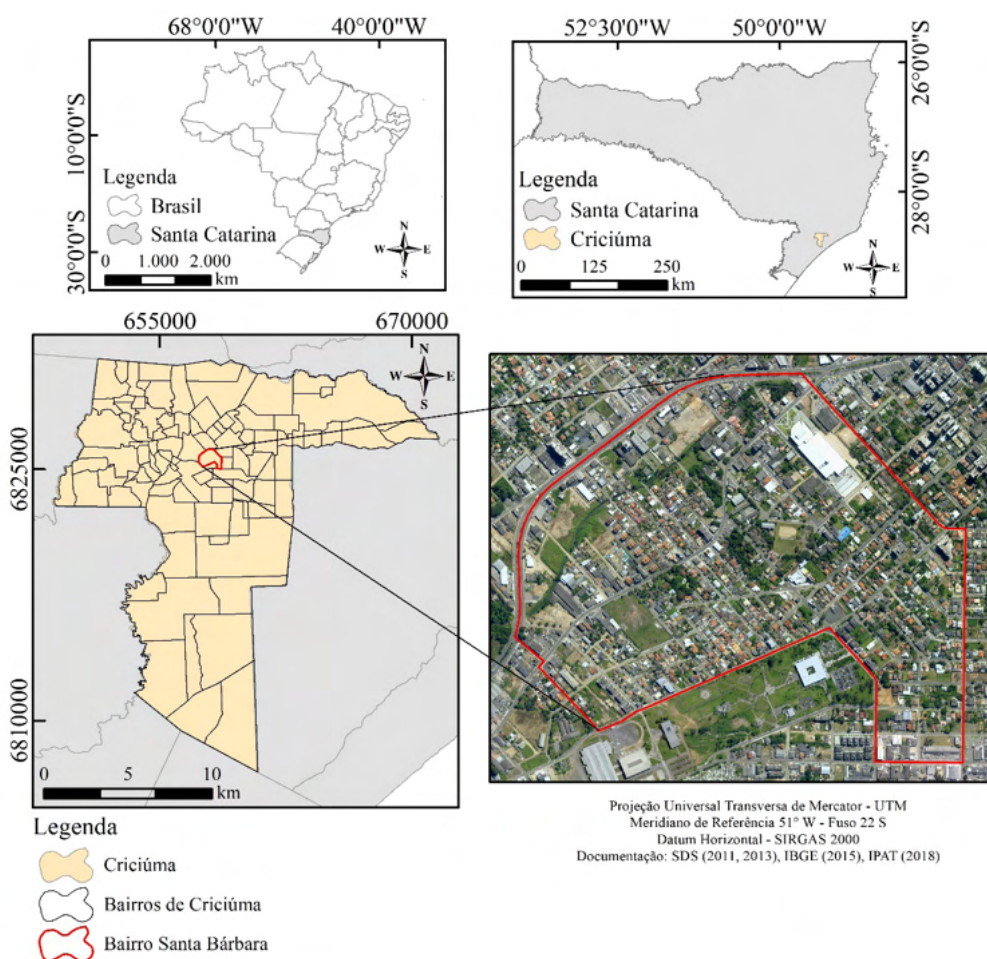


Figura 1 – Localização Geográfica do Bairro Santa Bárbara

Fonte: Elaborado pelos autores.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Produção do espaço urbano do bairro - memória e a identidade

A década de 1940 foi marcada pelo auge da economia do carvão na cidade de Criciúma e, conseqüentemente, pela multiplicação das vilas operárias que transformavam o desenho urbano e as paisagens da cidade. As vilas operárias e suas estruturas sociais perduram ao longo dos anos, entretanto muitas dessas edificações tiveram seu uso modificado ou acabaram sendo subtraídas. Essas ações, realizadas ao longo dos anos, fazem com que a história do bairro e da cidade se esvaia. Entretanto, a relação da população com o local, a necessidade de se apropriar e valorizar o lugar faz com que parte dos moradores queira resgatar essa história.

Observa-se, ao longo do tempo, a alteração morfológica do bairro. A Rua Santa Bárbara, antes estritamente residencial, hoje abriga, em grande parte, um setor destinado à prestação de serviços. Dos moradores e famílias mais antigas, são poucos os que se encontram ali. Esses são substituídos por novos habitantes, os quais buscam imóveis de qualidade, com localização próxima ao Bairro Centro e uma boa oferta de infraestrutura urbana. Reforça-se, por meio do discurso da moradora, a importância da criação e da valorização das relações interpessoais, quando ela relaciona a ação dos agentes imobiliários e as suas experiências:

Eles tão a fazer mais e mais prédios, tu não conheces mais as pessoas, o teu vizinho, não tem mais aquela relação próxima. Mas uma hora eles compram o terreno, as casas dos velhos e empilham as pessoas. É igual a esse terreno aqui do lado, só não vendeu ainda porque está bem caro, se eu tivesse aceitado vender o meu, já tinha saído um prédio, mas eu não posso controlar tudo, se os filhos quiserem vender depois de eu morrer, eu não tenho o que fazer. Mas enquanto ainda tiver os moradores mais antigos e os filhos se preocuparem com as casas as construtoras ainda não compram os terrenos (Entrevista XV¹).

A ideia de adensamento e verticalização da porção de terra está ilusoriamente vinculada à ideia de desenvolvimento econômico. Entretanto o desenvolvimento deve ser compreendido como:

[...] uma mudança social positiva. O conteúdo dessa mudança, todavia, é tido como não devendo ser definido *a priori*, à revelia dos desejos e expectativas dos grupos sociais concretos, com seus valores culturais próprios e suas particularidades histórico-geográficas. Desenvolvimento é mudança (SOUZA, 2010, p. 60-61).

Portanto, quando o desenvolvimento, sendo esse social ou econômico, marginaliza

1. M. T. Mulher, 77 anos. Entrevista XV. [ago. 2019].

as questões amplas da sociedade, incentiva o processo de gentrificação, “[...] um dos mais eficazes e sorrateiros caminhos para a exclusão social, com o beneplácito do interesse cultural e a omissão dos órgãos de preservação” (MORI *et al.*, 2006, p. 53). O processo exemplificado no Bairro Santa Bárbara não se caracteriza pela troca de camada social, mas sim pela substituição dos moradores antigos e seus descendentes por meio da generosa oferta monetária pela terra, substituindo, assim, o perfil de moradores.

Quando o processo de gentrificação se instala sorrateiramente, as relações com o espaço se transformam. Em entrevista, a moradora (Entrevista IV²) relata o processo de construção do Plano Diretor Municipal e a falta de envolvimento comunitário:

[...] muita coisa é feita lá na prefeitura e abafado da comunidade. É feito só uma reunião e depois nunca mais aparecem, aí resolvem tudo e a gente nem sabe. Não abre espaço. E quem vai vir morar é gente de fora, e isso é normal, tudo bem! Mas quem tá *[sic]* aqui tem que valorizar, pra *[sic]* eles verem como é bonito e importante.

Retrata-se, por meio do discurso, a escassa participação comunitária na elaboração do Plano Diretor, instituindo uma lacuna na compreensão das especificidades do local. Cria-se, portanto, um planejamento urbano que visa apenas a cumprir uma legislação e não transformar a cidade. Ou seja, não considera, em síntese, o olhar do habitante sobre o local como uma essencial etapa do planejamento da cidade. Souza (2010) defende que o habitante é que direciona a imersão social. Portanto, sem a participação popular intensa, inviabiliza-se a compreensão das características singulares do local.

A apropriação do espaço e o enraizamento das memórias pessoais podem ser compreendidos como um antídoto contra a perda das relações pessoais impactadas pelo processo de gentrificação. Em diversas entrevistas, os indivíduos relembavam histórias de outros entrevistados, familiares ou conhecidos. Essas histórias se conectam e se complementam, característica que cria uma rede comunitária, por meio do estreitamento das relações pessoais. Portanto “quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83). Essa transformação desperta um sentimento de apropriação do espaço, retratado a partir da relação pessoal com o entorno em que está inserido.

A relação entre a memória coletiva e seus habitantes está diretamente ligada ao local em que está inserida. Quando os discursos exaltam as características singulares do local, as lembranças particulares, sentimentos e representações coletivas relacionadas ao lugar, o discurso sintetiza a cidade, por meio da imagem comunitária do espaço urbano. As memórias socioespaciais são derivações das crenças, valores, modelos culturais e percepção do habitante sobre o local e, por essa forma, as memórias individuais são

2. B., D. R. Mulher, 68 anos. Entrevista IV. [jul. 2019].

expostas sobre o espaço coletivo (POL; INIGUEZ, 1996).

Portanto o homem transforma o espaço e marca sobre ele as suas histórias, memórias e identidades, formas de viver e agir, impõe a sua forma de habitar, a qual impacta o lugar, transformando, assim, o local em um lugar significativo (POL; INIGUEZ, 1996). Dessa forma, considera-se, também, a resistência à transformação do espaço, seja esse privado ou coletivo, demonstrado por alguns moradores antigos,

No meu terreno, onde mora eu e a minha irmã já apareceram várias pessoas querendo comprar pra *[sic]* fazer um prédio, mas eu não vendo, vou morrer ali, nem por todo dinheiro, nasci e vou morrer aqui. A gente não abre mão. Mas na rua todo mundo já saiu, vendeu, quase não tem casa ali na Rua Santa Bárbara. A realidade é que a estrutura do nosso bairro, a história vai se acabando, só a gente que ainda tem alguma coisa e não vai demorar muito e não vai ter mais nada (Entrevista IV³).

Contudo “o povo da Santa Bárbara sempre foi um povo mais tradicional. Hoje já tem morador novo, porque estão saindo vários prédios. Mas eu achava uma coisa engraçada, todo mundo se conhecia, tinha o bom dia e a boa tarde de todo mundo” (Entrevista V⁴). Esses exemplos reforçam as relações interpessoais e comunitárias, contextualizam a defesa pela preservação do lugar, seja esse local particular ou público, por meio da ideia de que esses são imersos em memórias materiais e imateriais. Portanto as memórias “tem a necessidade de suportes materiais onde se referenciam lembranças e símbolos” (CLAVAL *apud* PIMENTA; FIGUEIREDO, 2014, p. 6). Portanto, quando se incide um planejamento que não leva em conta a participação da população, há a resistência coletiva contra a mudança radical, a partir da ideia de que a transformação do espaço implicará no esquecimento das próprias memórias particulares (POL; INIGUEZ, 1996).

Entretanto há, também, a compreensão de que a cidade é um elemento mutável, a transformação é algo orgânico.

Eu acho que se não é usado e não é preservado, se não tem mais condição de recuperar, não adianta insistir. Muita coisa na nossa cidade podia ser recuperada, mas não foi. [...] teve *[sic]* casas ali que poucas pessoas preservaram as suas casas, as de madeira já eram velhas, não tinha como preservar, mas tinham outras casas que ainda estão ali, principalmente as de madeira (Entrevista XIII⁵).

A relação entre a expansão urbana, o adensamento e a preservação, é que a cidade deve garantir qualidade de vida, espaços úteis socialmente e ambientes seguros à população, e essa segurança, porém, não deve ser fornecida apenas pelo poder público.

3. B., D. R. Mulher, 68 anos. Entrevista IV. [jul. 2019].

4. M., S. R. Mulher, 53 anos. Entrevista V. [jul. 2019].

5. N., M. H. Mulher, 68 anos. Entrevista XIII. [ago. 2019].

Jacobs (2000, p. 32) defende que a segurança está diretamente ligada à vitalidade do espaço público e essa

É mantida fundamentalmente pela rede intrincada, quase inconsciente, de controles e padrões de comportamento espontâneos presentes em meio ao próprio povo e por ele aplicados. Em certas áreas urbanas – conjuntos habitacionais mais antigos e ruas com grande rotatividade populacional são exemplos sempre famosos –, a manutenção da lei e da ordem pública fica quase inteiramente a cargo da polícia e de guardas particulares. Esses locais são selvagens. Força policial alguma consegue manter a civilidade onde o cumprimento normal e corriqueiro da lei foi rompido. A segunda coisa que se deve entender é que o problema da insegurança não pode ser solucionado por meio da dispersão das pessoas, trocando as características das cidades pelas características dos subúrbios. (JACOBS, 2000, p. 32).

Portanto a preservação dos espaços e edificações deve ser realizada, não por meio de ruínas, mas espaços com usos, ressignificados e apropriados. Compreende-se que a qualidade de vida, o enraizamento das relações pessoais e a conservação das memórias coletivas está diretamente relacionada ao espaço público apropriado. Por meio do discurso, a entrevistada (Entrevista XIII⁶), discorre sobre preservação dos espaços comunitários: “Gosto de lugares que empreguem as pessoas e que não seja um lugar monótono só com os moradores, e os moradores não saem de casa. Não tem nada bom. Tem que ser um lugar com atividade, que as pessoas saem de dentro de casa”. Entretanto também comenta a situação em que se encontra a Praça Santa Bárbara: “Teve uma época que não dava pra passar ali, era a praça dos drogados e do mato alto, mas agora, no fim de semana tem gente brincando com as crianças, com cachorro, tem um pessoal correndo, jogando bola, e a população precisa mais ainda de espaços” (Entrevista XIII⁷).

Os espaços públicos representam a síntese da comunidade, quando seus moradores se sentem seguros no espaço urbano, passam a utilizá-lo e a rede de segurança se amplia

Se for bem localizado, qualquer parque de bairro pode tirar proveito de seus trunfos, mas pode também desperdiçá-los. É óbvio que um lugar que lembre um pátio de prisão não vai atrair frequentadores nem interagir com a vizinhança do mesmo modo que um lugar que lembre um oásis. Contudo, também existem vários tipos de oásis, e algumas de suas importantes características para ter êxito não são tão óbvias (JACOBS, 2000, p. 76).

A praça, ou o parque, institui, portanto, o reflexo da sociedade que ali se encontra, o berço das relações interpessoais. A praça pode ser compreendida, então, como a síntese da relação comunitária, pois “os próprios parques de bairro é que são direta e drasticamente afetados pela maneira como a vizinhança neles interfere” (JACOBS, 2000, p. 72).

6. N., M. H. Mulher, 68 anos. Entrevista XIII. [ago. 2019].

7. N., M. H. Mulher, 68 anos. Entrevista XIII. [ago. 2019].

3.2 Mercantilização da Praça Santa Bárbara

A Praça Santa Bárbara, além de um local de lazer por essência, é o berço da Festa de Santa Bárbara, local, como comentado pelos entrevistados, utilizado para corrida nos dias quentes de verão, onde iam para namorar e encontrar amigos. Além disso, anteriormente ao desenho atual, a Praça Santa Bárbara abrigava o campo de Futebol do Atlético Operária, time da CBCA (Companhia Carbonífera Catarinense). Portanto, a praça possui uma função social e histórica para o bairro, pois evoca memórias materiais e imateriais.

Diante disso, é necessário compreender as alterações espaciais por meio da proposta do Plano Diretor para a Praça Santa Bárbara. Diversos são os problemas que buscam descaracterizar as paisagens do bairro. Abaixo (Figura 2), é possível observar o ensaio volumétrico da proposta do Plano Diretor Municipal para o entorno da Praça Santa Bárbara. A proposta se caracteriza pelo entorno imediato conformado por edificações de uso multifamiliar em quatro pavimentos (edificações em cor laranja). Posteriormente, o Plano prevê o adensamento por meio de edificações de uso misto com até oito pavimentos, criando, portanto, um cinturão de edificações ao redor do espaço público, o qual não é sinalizado na proposta do Plano Diretor, sendo possível a sua ocupação.

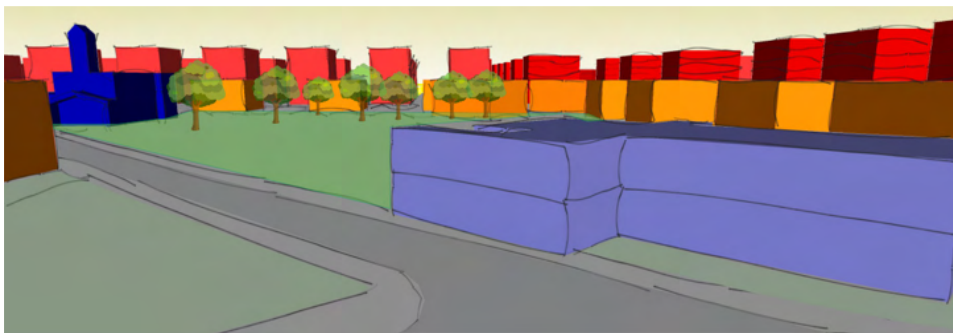


Figura 2 – Ensaio da verticalização proposta pelo Plano Diretor de Criciúma, relação com as edificações de relevância histórica e a Praça Santa Bárbara

Fonte: Elaborado pelos autores.

Conforme comentado anteriormente, a participação popular na elaboração da proposta do Plano Diretor foi escassa:

Eu me lembro que eu participei do processo de discussão do Plano Diretor, a uns anos atrás, contestei a necessidade dos prédios altos e eu falava: nós ainda precisamos ver o pôr do sol na torre da igreja [...] Porque se fizerem prédios altos a gente perde isso, nós não queremos isso (Entrevista XIV⁸).

8. G. E. N. Mulher, 75 anos. Entrevista XIV. [ago. 2019].

Perdem-se, portanto, as pequenas relações espaciais, “é poder permanecer na praça e ver o pôr do sol” (Entrevista XIV⁹), algo ameaçado pela proposta e pelos agentes produtores do espaço que agem sobre a região de estudo.

Abaixo (Figura 3) a ilustração retrata a atual situação da praça vista através da fachada da rua. É possível observar os primeiros indícios de adensamento e a relação da proporção vertical entre o edifício de oito pavimentos (exemplificado pela cor vermelha) e a edificação da Sociedade Recreativa União Operária, a qual se localiza ao lado da praça.



Figura 3 – Representação gráfica da situação atual do entorno da Praça Santa Bárbara

Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir (Figura 4), é possível compreender, por meio de comparação, o impacto na paisagem da praça, a partir do alto adensamento urbano, representa-se a consolidação da proposta do Plano Diretor, com a construção de edificações de quatro a oito pavimentos. Observa-se o impacto paisagístico do adensamento urbano sobre o conjunto de interesse histórico, composto pela paisagem da igreja, a praça e o clube. E a alteração das linhas de força na paisagem exercida pela implantação de edificações no sítio.



Figura 4 – Ensaio de verticalização e adensamento do entorno da Praça Santa Bárbara, segundo a proposta do Plano Diretor

Fonte: Elaborado pelos autores.

A alteração da paisagem implica diretamente sobre as memórias instituídas. Ou seja, a paisagem vai além do limite visual, ela carrega símbolos, memórias, cria cenas e enquadramentos, a partir da qual o ser humano desenvolve uma percepção única do espaço. Santos (1986) define a paisagem como a soma de elementos heterogêneos, naturais e artificiais, que juntos compõem uma sucessão de cores, volumes, formas e

9. G, E. N. Mulher, 75 anos. Entrevista XIV. [ago. 2019].

utilidades. A esses são designados uma carga histórica, a junção de diversos momentos significativos da sociedade, os quais se especializam por meio da paisagem. Portanto a alteração radical da paisagem impacta diretamente nas memórias ali instituídas.

Abaixo (Figura 5), é possível observar a evolução urbana do entorno da praça e o redesenho sofrido no espaço.



Figura 5 – Evolução urbana da Praça Santa Bárbara

Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Criciúma, Google Earth, adaptado pelos autores.

A primeira imagem retrata a Praça Santa Bárbara na década de 1940, quando servida de local para a implantação do campo de futebol do Atlético Operária, time da CBCA. Já a segunda imagem demonstra o traçado no fim da década de 1970, com a tentativa de lotear o terreno, o qual era pertencente à carbonífera. A terceira imagem refere-se à Praça consolidada, ano de 2019, e entorno urbanizado.

A partir das entrevistas, constatou-se a linha tênue entre a transformação do campo de futebol do Atlético Operário e a concepção da Praça Santa Bárbara com um local público, o qual cumpre a função social de espaço coletivo.

Quando acabou o time do atlético eles abriram uma rua que sai do lado da casa da Neiva, onde é a escadaria a CBCA abriu uma rua para poder lotear o terreno onde ficava o campo do Atlético. Tiraram a casa do seu Frederico Andrade e colocaram no meio do campo, para incentivar as pessoas a construir ali. Nisso a população se uniu fez uma balburdia e não deixaram lotear os terrenos, então tiveram que tirar a casa e dar outro terreno para o seu Frederico (Entrevista XIV¹⁰).

O relato da entrevista pode ser confirmado quando observadas as imagens acima, da Praça Santa Bárbara na década de 1970 e a implantação das vias, as quais recortam o local que antes abrigava o campo. Esse fato se conecta com a tentativa do poder público de

10. G., E. N. Mulher, 75 anos. Entrevista XIV. [ago. 2019].

realizar a venda do terreno que abriga a Praça Santa Bárbara para a implantação de uma escola particular em outubro de 2017. “Aquele praça ali é o único motivo de litígio no bairro, e até hoje em dia ela movimenta a população para reivindicar o seu lugar. A Praça Santa Bárbara sempre foi um lugar que uniu a comunidade” (Entrevista XIV¹¹).

A importância da participação popular na proteção do espaço público é reforçada pelo discurso da entrevistada¹², quando reafirma o querer bem da comunidade pelo espaço, ao relatar que: “A gente se preocupa com o que é nosso, se a prefeitura achava que a praça não tinha importância e ia render muito dinheiro, nós mostramos o contrário. A comunidade é unida e a gente defende do que é nosso”. Portanto o “espaço público é uma conquista e, como tal, não prescinde do entendimento, da consciência dos seus significados e da sua importância” (LAURENTINO, 2006, p. 312).

A partir dos meios de comunicação e manifestações coletivas, a população do Bairro Santa Bárbara se posicionou contra a venda do espaço público, contestando o local essencialmente coletivo. “Eu acho que aquele espaço é nosso e, o governo faltou com respeito ao bairro Santa Bárbara quando pensou nisso. Em uma das reuniões o prefeito comentou que aquele era um espaço morto. Não, aquele é um espaço de vida” (Entrevista V¹³). A posição tomada pela comunidade reforça a questão histórica do local, onde as memórias estão diretamente vinculadas ao espaço. Entretanto o local se encontra em estado de degradação, devido à falta de manutenção por parte do poder público.

Eu acredito que quando se fala em vender uma praça como a da Santa Bárbara para construir um colégio, em momento algum está se pensando em modernidade, simplesmente no lucro. Aquele espaço é do bairro, a população usa e nesse mundo louco que a gente está é necessário ter um espaço para ti sair de dentro do apartamento com a criança, sentar no banco, correr pra *[sic]* ela ver e sentir a natureza, a grama. Ali tem ninho de coruja, as crianças se encantam com isso. A ganância da sociedade está tão grande que ninguém mais lembra de nada, é só ganhar, e o que a gente ia perder se esse colégio fosse construído ali? (Entrevista V¹⁴).

Quando, por meio da fala, a moradora expressa a importância do espaço público para a comunidade, evoca o estreitamento das relações pessoais, a necessidade de lazer e o contato com a natureza. Remete, portanto, à característica dos moradores antigos, de uma vida comunitária que era intensamente vivida. Hoje, depara-se com a carência da vida comunitária. “Se o mero contato com os vizinhos implica que você se envolva na vida deles, [...] a única solução lógica que resta é evitar a amizade ou o oferecimento de ajuda eventual” (JACOBS, 2000, p. 53).

11. G., E. N. Mulher, 75 anos. Entrevista XIV. [ago. 2019].

12. G., E. N. Mulher, 75 anos. Entrevista XIV. [ago. 2019].

13. M., S. R. Mulher, 53 anos. Entrevista V. [jul. 2019].

14. M., S. R. Mulher, 53 anos. Entrevista V. [jul. 2019].

Que bom que a comunidade se uniu, se levantou e derrubou essa ideia, isso prova que a comunidade do Bairro Santa Bárbara é tradicionalista, não cede o seu espaço. A história do bairro é preservada, e nós temos sim, baluartes de manutenção do que é nosso, do que é antigo (Entrevista V¹⁵).

Luta-se, então, pela manutenção da história do Bairro Santa Bárbara e seus lugares significativos. “A gente tem que reagir, isso aqui é nosso, é o nosso espaço, nosso bairro” (Entrevista VI¹⁶). É, também, a luta pela preservação das memórias impactadas pela ação dos agentes transformadores do espaço. Luta essa definida por um exercício de cidadania, pois o espaço público exprime a essência da coletividade. “Assim como o indivíduo deve estar vigiando a si mesmo para não se arredar pela alienação circundante, assim o cidadão, a partir das conquistas obtidas, tem de permanecer alerta para garantir e ampliar sua cidadania” (SANTOS, 2007, p. 105).

O espaço público deve ser um espaço democrático na sua essência. Democrático não apenas no uso, mas também e principalmente em sua elaboração, construção e seu gerenciamento. É a partir do debate, da discussão, antes mesmo do espaço público como área física construída, que se dá o espaço político. (LAURENTINO, 2006, p. 316).

A praça é um espaço essencialmente coletivo, sem donos e sem distinção. A praça é a síntese do Bairro Santa Bárbara. Um espaço democrático, em relação ao cumprimento da função social. “É o espaço de expressão do que é a cidade, com todos os seus conflitos, divisões, interesses, etc. Esse é o espaço que possibilita a integração porque deve abrigar a diversidade” (LAURENTINO, 2006, p. 316). Um espaço democrático, palco de lutas sociais, festas e lazer. Local essencialmente democrático.

3.3 Casas da vila operária

Não há, no Bairro Santa Bárbara, um elemento que, individualmente, represente a história do lugar por meio de suas formas ou fazeres, a história somente pode ser relatada por meio do conjunto: as festas, as imagens, as pinturas, os clubes, a igreja e a praça. Contudo é necessário enfatizar a relação de gratidão ofertada pelas empresas e por pessoas importantes para a comunidade e para a instituição do carvão como elemento econômico.

A família de Henrique Lage possuía muitas concessões, Laguna pertencia aos cuidados dele. Quando estourou a descoberta do carvão, ele veio para Criciúma com dois engenheiros poloneses, para se certificar da notícia. No começo da extração do carvão, tinha que ter operários para a mão de obra, mas não tinha lugar para eles morarem. Então, Henrique Lage, por meio da empresa, começou a construir casa de madeira para as famílias daqueles

15. M., S. R. Mulher, 53 anos. Entrevista V. [jul. 2019].

16. S., R. Mulher, 65 anos. Entrevista VI. [jul. 2019].

que viessem para Criciúma para trabalhar na extração do carvão. O Bairro Operária Velha foi o primeiro a ser construído as casas por Henrique Lage. A Rua Santa Bárbara, tinha mais ou menos 25 casas de madeira em cada lado da rua. Então os operários chegavam e iam morando nas casas e trabalhando na extração de carvão. Não só foi construído casas na Operária Velha, mas depois também onde hoje é o Bairro Santo Antônio, com casas semelhantes (Entrevista VII¹⁷).

Nesse contexto de conformação urbana, institui-se o elemento de gratidão empregatícia, pela construção da vila operária e sua estrutura comunitária à empresa mineradora e personalidades influentes no setor econômico regional.

Agora não dá para falar da história do Bairro Santa Bárbara sem lembrar da figura do seu Sebastião Campos, ele trabalhava na CBCA, era um dos que mandava e ele ficou por muito tempo por aqui. Dificilmente tinha uma casa aqui no bairro que alguém não trabalhasse ou ficasse desempregado. Além disso a CBCA comprou áreas de terra grandes e mais tarde ela loteou e cedeu para que os empregados construíssem as casas. Então a vila do bairro Santa Bárbara foi construída em cima das terras da CBCA, não só a Rua Santa Bárbara, mas vários outros lugares no bairro também foram assim (Entrevista XVI¹⁸).

Além da mineradora, outra empresa, fortemente vinculada ao setor econômico, foi a família Dal Bó, proprietários do curtume Dal-Bó e da empresa de calçados Crível, a qual empregava diversas pessoas, principalmente os filhos de mineiros.

Assim como também a família Dalbó, foi uma das primeiras famílias a colocar uma empresa grande aqui no bairro, o curtume e a fábrica de sapato. Eles também foram importantes na situação de criação de empregos para o pessoal que moravam aqui. Então a maioria do pessoal de setenta ou oitenta anos foram empregados ou da CBCA ou do Dalbó, essas duas figuras foram muito importantes para a consolidação da comunidade, para deixar de ser uma vila operária e se transformar no nosso Bairro Santa Bárbara (Entrevista XVI¹⁹).

“O modo de vida, as oportunidades, as circunstâncias familiares e sociais é que vão dizer quais as condições de construção de nossa subjetividade, que é o nosso mundo interno” (GONÇALVES, 2014, p. 91). Essas relações empregatícias moldaram o bairro, por meio de características singulares do lugar. As ruas de chão batido, ou o mau cheiro do tratamento do couro, simbolizaram características próprias do lugar. Esses espaços criam a paisagem e a vida comunitária do bairro. Essa paisagem também é conformada pelas residências em sequência e a igreja, ao fundo, compreende a essência histórica da vila operária.

17. S., M. Homem, 86 anos. Entrevista VII. [jul. 2019].

18. M., N. A. Homem, 74 anos. Entrevista XVI. [ago. 2019].

19. M., N. A. Homem, 74 anos. Entrevista XVI. [ago. 2019].

A minha casa é a casa da CBCA, ela tem quase 100 anos. Ela foi reformada, mas a madeira das paredes é a mesma, canela e peroba, é a única da rua. Para entrar na vila dos mineiros tinha uma porteira, só entrava quem a gente permitia, não entrava ninguém estranho. As casas eram doadas pela companhia, não eram alugadas. Lá não tinha água encanada. Nós lavávamos a roupa no açude onde é a Nadulu, atrás da igreja. A turma toda da rua lavava roupa lá no açude. Depois com o tempo veio a água encanada, mas era assim, era um tanque grande no começo da rua, na Henrique Lage, e outro pra turma que morava perto da igreja (Entrevista IV²⁰).

Pela fotografia abaixo (Figura 6), é possível visualizar a cena descrita pela entrevistada, as casas cercadas, a bica de água potável em primeiro plano e as pessoas na rua. A cena abaixo retrata as casas precárias, a rua de chão batido e a falta de infraestrutura.



Figura 6 – Rua Santa Bárbara, anos de 1940. Em primeiro plano, a bica de água usada pelos moradores da vila, ao fundo, as casas em madeira destinadas aos operários.

Fonte: Acervo Histórico Pedro Milanez, Prefeitura Municipal de Criciúma.

As residências de madeira, construídas pela companhia carbonífera, majoritariamente na Rua Santa Bárbara, abrigavam as famílias dos operários. A entrevistada (Entrevista XIII²¹) descreve como era a residência em que morou com a família, semelhante a diversas outras residências da vila operária.

20. B., D. R. Mulher, 68 anos. Entrevista IV. [jul. 2019].

21. N., M. H. Mulher, 68 anos. Entrevista XIII. [ago. 2019].

A nossa casa era paupérrima, não tinha forro, as telhas eram soltas, quando chegava o começo de dezembro a gente de preparava para o vendaval, porque destelhava tudo, molhava a gente secava e seguia a vida. Quando a gente deitava dava pra contar as estrelas, mas mesmo assim ainda era um período muito bom. Eu tinha sete irmãos, o que não era muito, as outras famílias tinham doze filhos, dez filhos, acredito que naquela região os meus pais era os que tinham menos filhos. Todos os meus vizinhos tinham mais filhos, era raro baixar de 12 filhos.

A realidade era conformada por residências com pouca infraestrutura e famílias numerosas remetiam à situação de pobreza. Entretanto, na continuidade da Rua Santa Bárbara em direção à Avenida Centenário e anteriormente aos trilhos de trem, a rua nomeada de Rua Artur Pescador, em homenagem a um morador do bairro, possuía residência em situação edificada melhor que os mineiros. Essas casas eram destinadas aos funcionários do escritório. Demonstra-se, portanto, uma segregação espacial por meio do vínculo empregatício.

Essa caracterização, por meio do discurso, leva à compreensão da imagem resguardada sobre a moradia, o espaço íntimo, o local que compõe a subjetividade por meio das emoções, sentimentos, lembranças e percepções. Contudo

A produção da subjetividade e a construção da identidade do sujeito implicam, necessariamente, a sua própria expressão enquanto ser humano. E, nesse processo de construção de si mesmo, ele agrega, por meio de seu imaginário e das representações do mundo concreto que o cerca, elementos que vão compor esse processo de individuação (OMITIDO PARA AVALIAÇÃO, 2014, p. 92).

Além da relação com o mundo interno, a constituição da subjetividade do sujeito possui relação direta com o meio social inserido. Portanto as relações de apropriação espacial são vinculadas não apenas ao local íntimo, como a residência, mas ao entorno inserido e às sensações que ali se despertam.

Dessa forma, outro fato sobre o cotidiano do Bairro Santa Bárbara era em relação ao mau cheiro referente ao tratamento do couro no Curtume Dal-Bó e os rejeitos líquidos jogados no leito do Rio Criciúma:

E o curtume que foi a parte econômica do município, (para a) economia, foi muito bom, que era a indústria calçadista, não é? (Fazia os couros), mas, em termo ambiental, o curtume era terrível. Terrível. Como nós morávamos bem ao lado do rio – que tinha área verde, a gente morava do lado, guria, quando eles largavam aquele tratamento do couro, que eles jogavam no rio e eles não tinham tratamento, era tudo jogado no rio, aquilo passava pelas casas, era um cheiro de podre que era um horror, mas a economia era aquilo ali também, não é? Era a mina e era o curtume. E era famosão enquanto durou (Entrevista X²²).

22. K., M. A. Mulher, 57 anos. Entrevista X. [ago. 2019].

A insalubridade dominava o espaço urbano, além do rejeito de pirita, muitas vezes usados para aterrar os terrenos, adicionava-se o mau cheiro do tratamento do couro, o que configurava um local pouco agradável. Além disso, a empresa declarou falência, o prédio abandonado, em poucos anos, se transformou em ruínas de um local de importância econômica, alterando, também, a configuração espacial do entorno. Assim era descrito o local:

[...] o que era essa nossa rua, tu não tem noção, um mato só, quando a gente veio morar nessa rua, a nossa era uma das poucas casas. Na época do curtume era danado, era de matar, muita gente perguntava como a gente conseguia morar aqui, mas acostumou. Mas quem sofria mesmo era quem morava perto do rio. Tinha um encanamento que jogava água direto no rio, ali lá o cheiro era pior. Aqui eu não sei qual era o cheiro pior, se era a pirita do aterro no dia de sol ou se era o do Curtume. Mas tudo isso faz parte da história. Tudo mudou a partir do Giassi, tudo ficou mais pertinho, veio serviços pra cá que não tinha antes. Também deu mais segurança, aqueles escombros do Curtume eram muito perigosos (Entrevista XVI²³).

As alterações morfológicas transformaram a paisagem do Bairro Santa Bárbara. Esses resquícios de insalubridade já não são mais presentes como em tempos antigos, o mau cheiro, os escombros e as casas dos mineiros já não fazem mais parte do cotidiano da população. Entretanto existem, pelo Bairro Santa Bárbara, resquícios arquitetônicos das edificações residenciais, como, por exemplo, o entrevistado N., C. (Entrevista X²⁴), que relata que “a casa do lado foi construída pelo Hugo Verdiere com a madeira das casas dos mineiros, lá da Rua Santa Bárbara. Ele loteou essa área e depois colocou essa casa, com as madeiras velhas da CBCA, tudo canela e peroba”.

Além dos espaços edificados, outro fato é que a vivência era compartilhada por diversas famílias em situação similar, o que se relaciona, também, com as histórias particulares ou coletivas, as visões e os saberes, conectados por um passado em comum, por meio de histórias e vivências coletivas. Isso auxilia no enraizamento da memória, na criação e na partilha de traços comuns. Cria-se, portanto, a identidade cultural coletiva (IPHAN, 2012).

O efeito da união comunitária pode ser compreendido por meio das entrevistas realizadas, a partir de um ciclo em que as histórias se complementam e se relacionam. Esse fato ocorre devido à criação de laços estreitados de uma comunidade unida e, de certa forma, busca manter esses laços até os dias atuais.

23. M., N. A. Homem, 74 anos. Entrevista XVI. [ago. 2019].

24. N., C. Homem, 82 anos. Entrevista XX. [jul. 2019].

Uma das características principais aqui do bairro é que as propriedades ficaram tudo em poder das famílias, poucos foram os que venderam, aí o resultado é que a maioria das pessoas que moram aqui são pessoas locais, não são pessoas de fora. Isso criou uma ligação e um sentimento de comunidade muito forte. Quando a gente encontrava uma pessoa na rua ou a gente conhece ele, ou o pai ou a avó, todos são conectados (Entrevista XVI²⁵).

Com as propriedades majoritariamente sendo mantidas nas famílias, cria-se um efeito semelhante ao ocorrido em cidades pequenas ou pequenos bairros: as relações pessoais são estreitas nos locais públicos ou espaços comunitários e o habitante.

[...] encontrará pessoas que conhece do trabalho ou foram suas colegas de escola, ou com quem você se encontra na igreja, ou que são professoras dos seus filhos, ou lhe prestaram serviços informais, ou que você sabe serem amigas de conhecidos seus, ou que você conhece de nome. Dentro dos limites de uma cidadezinha ou de uma vila, os laços entre os habitantes se cruzam e voltam a se cruzar, o que pode resultar em comunidades fundamentalmente coesas [...] (JACOBS, 2000, p. 86).

Portanto o grupo inserido em uma sociedade enraizada no local em que habita cria sentidos singulares aos itens materiais e imateriais que compõem o espaço (HALBWACHS, 1990). Entretanto o significado somente pode ser compreendido profundamente por aqueles que ali habitam. Esses significados reproduzem aos cidadãos marcas únicas, as quais identificam a cada ser e a relacionam com determinado lugar, “[...] projeta-se sobre o espaço de que se apropria, produzindo uma identificação entre o sujeito e espaço que refletirá o modo de vida daqueles que o habitam” (OMITIDO PARA AVALIAÇÃO, 2007, p. 34). Essas nuances são responsáveis por moldar e exprimir a identidade coletiva.

Entretanto, além das memórias implícitas sobre o local, em vários momentos, quando os entrevistados relatavam sobre as particularidades da vida na vila operária, era constante o retrato da casa precária e o entorno insalubre. Contudo as boas e felizes lembranças se manifestavam sob as dificuldades encontradas, porém essa situação de insalubridade e de dificuldades financeiras é retratada como a imagem do passado que não necessita ser revivida. Isso remete à questão de que a imagem de pobreza não cabe à situação atual, o progresso econômico das famílias, a melhora na qualidade da moradia e no entorno, com calçamento, água encanada, sem o cheiro dos resíduos diversos é algo relatado como extremamente positivo, as lembranças permanecem no passado, os moradores não querem reviver o passado, mas são gratos aos momentos e às memórias que os fazem ser quem são.

Portanto, no contexto das habitações da vila operária do Bairro Santa Bárbara, os significados e memórias explícitas e ocultas sobre a paisagem impactam diretamente

25. M., N. A. Homem, 74 anos. Entrevista XVI. [ago. 2019].

aqueles que ali criaram suas relações pessoais. Dessa forma, os imóveis são apenas construções de alvenaria, madeira e cerâmica. Os habitantes são quem emprega sentido e função ao lugar. Esses espaços são obsoletos sem a ação apropriada do homem, apenas um material edificado.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos exaltam as características singulares do local, as lembranças particulares, sentimentos e representações coletivas relacionadas ao lugar. A composição paisagística dos espaços de interesse histórico são marcas de uma história viva. A essência se expressa por meio de valores sociais e culturais, os quais criam a identidade coletiva de um bairro, por meio das histórias pessoais e familiares. A memória está marcada com as lembranças da infância e juventude, ambientadas na residência ou nos espaços coletivos, como a igreja, a praça e os clubes.

Portanto a importância social da pesquisa se demonstra como suporte para a tomada de decisão dos agentes transformadores do espaço, por meio da atuação das diretrizes expansionistas da cidade, quando relacionadas à perda da memória individual e coletiva, a qual está relacionada à paisagem.

Por meio da pesquisa realizada, identificou-se o Plano Diretor proposto para a área de estudo figurativo, ou seja, não houve a participação efetiva da comunidade. Entretanto os entrevistados se mostraram a favor da expansão urbana ou da transformação econômica do bairro, desde que se conserve as características de “um bairro para a família, para criar os filhos”. As mudanças no planejamento urbano tornam-se um problema quando atingem os espaços comunitários ou públicos com relevância social. As intervenções no espaço privado são toleradas e observadas como desenvolvimento econômico, não como consequência da ação de determinados agentes sociais.

Compreende-se a relação da dissipação da memória e identidade coletiva por meio de remanescentes arquitetônicos e paisagísticos, impactados devido à ação dos agentes transformadores do espaço. Busca-se, então, resguardar resquícios históricos de uma cidade que tanto já se perdeu.

A verticalização das cidades hoje é uma tendência mundial e insere-se no contexto discutido por Harvey (2020) que coloca a verticalização das cidades como expansão do excedente do capital econômico.

REFERÊNCIAS

CAROLA, C. R. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937–1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 262 p.

COSTA, M. D. O.; OSÓRIO, P. S. **Memórias e identidades**: as estruturas carboníferas como patrimônio cultural de Santa Catarina. Criciúma, SC: Ediunesc, 2017.

GONÇALVES, T. M. **CIDADE E POÉTICA-um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Ijuí, RS: Unijuí, 2007.

GONÇALVES, T. M. **Ensaio sobre Pesquisa Qualitativa**. Criciúma, SC: UNESC, 2006.

GONÇALVES, T. M. **HABITAR- a casa como contingência da condição humana**. *Revista INVI*, v. 29, n. 80, p. 83-108, 20 jan. 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2020.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2020.

IPHAN. **Patrimônio cultural imaterial**: para saber mais. 3. ed. Texto e revisão de Natália Guerra Brayner. Brasília, DF: IPHAN, 2012.

IPHAN. Portaria nº 127, de 30 de abril de 2009. Estabelece a chancela da Paisagem Cultural Brasileira. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 17, 5 maio 2009.

JACOBS, J. **Morte e vidas de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinheiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

LAURENTINO, F. D. P. Espaço público: espaço de conflitos. **Projeto História**, n. 33, p. 307-317, 2006.

MORI, V. H. *et al.* **Patrimônio**: atualizando o debate. São Paulo: IPHAN, 2006.

NASPOLINI FILHO, A. **Criciúma, orgulho de cidade**: fragmentos da história de seus 120 anos. Criciúma, SC: [s.n.], 2000. (Vol. 1).

PIMENTA, M. C. A.; FIGUEIREDO, L. C. **Lugares**: patrimônio, memória e paisagens. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

POL, E.; INIGUEZ, L. **Cognición, representacion y apropiación del espacio**. Barcelona: Publicacions Universitat de Baecelona, 1996.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Ed. da USP, 2007.

SOUZA, M. L. **Mudar a cidade**: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

TUAN, Y.-F. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



